



DOI: 10.20396/rfe.v15i00.8675457

## Seja *queer* você quiser, segundo Judith Butler

### Be *queer* as you want to be, according to Judith Butler

Genival de Oliveira<sup>1</sup> 

#### RESUMO

O tema abordado neste estudo surge a partir de uma reflexão filosófica amplamente discutida em diferentes estratos do corpo social, ganhando relevância crescente na contemporaneidade humana. Essa reflexão engloba conceitos de liberdade individual, autonomia social e de gênero, especialmente quando analisados criticamente à luz das contribuições da renomada professora e pesquisadora Judith Butler, figura proeminente no contexto acadêmico universitário. Butler direciona seu olhar para diversos públicos, mas granjeia destaque ao aplicar grande parte de sua produção intelectual às teorias feministas, visando fortalecer um feminismo assertivo e progressista em esferas que anteriormente estavam firmemente enraizadas no âmago patriarcal. A metodologia empregada neste estudo se baseou em uma meticulosa análise bibliográfica, culminando na conclusão de que a autonomia se configura como um elemento crucial para a otimização das dinâmicas das relações sociais. Essa conclusão representa uma contribuição significativa para o aprimoramento e entendimento das interações humanas, destacando a importância da autonomia como um motor fundamental na busca por uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

**Palavras-Chave:** Liberdade, autonomia, feminismo.

#### ABSTRACT

The subject addressed in this study emerges from a widely debated philosophical reflection across different layers of the social body, gaining increasing relevance in contemporary human society. This reflection encompasses concepts of individual freedom, social autonomy, and gender, especially when critically analyzed in light of the contributions of the renowned professor and researcher Judith Butler, a prominent figure in the academic university context. Butler directs her focus towards diverse audiences, yet garners prominence by applying much of her intellectual output to feminist theories, aiming to strengthen an assertive and progressive feminism in spheres that were previously deeply rooted in patriarchal norms. The methodology employed in this study was based on a meticulous bibliographic analysis, culminating in the conclusion that autonomy

---

<sup>1</sup> Graduado em Pedagogia, Filosofia e Letras. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: genival@ufpi.edu.br

stands as a crucial element for optimizing the dynamics of social relationships. This conclusion represents a significant contribution to the enhancement and comprehension of human interactions, highlighting the importance of autonomy as a fundamental driving force in the pursuit of a more equitable and inclusive society.

**Keywords:** Freedom. Autonomy, feminism.

## Introdução

O debate sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea transcende décadas de um passado onde era rotulada como o "sexo frágil", limitada ao âmbito doméstico e submisso. Hoje, tais paradigmas estão em declínio, e estamos imersos em uma era transformadora.

No Brasil, vivemos um período de transição notável. Campanhas intensificadas contra o assédio, o estabelecimento de delegacias especializadas na proteção feminina e o poder das mídias sociais têm permitido às mulheres exporem casos de agressão. As campanhas publicitárias, por sua vez, têm enaltecido a essência feminina em sua autenticidade, rejeitando estereótipos inalcançáveis e celebrando a beleza na diversidade de expressões.

Nesse contexto complexo, emergem as polêmicas e influentes reflexões da pesquisadora e filósofa norte-americana Judith Butler. Adepta da filosofia pós-estruturalista e originária de uma família semita, Butler é uma das principais pensadoras contemporâneas do feminismo, além de contribuir significativamente para a teoria *queer*.

Além de seus trabalhos acadêmicos, Butler dedica-se a escritos sobre psicologia, política e ética, ocupando atualmente o cargo de professora no departamento de retórica e literatura comparada da Universidade da Califórnia em Berkeley. Desde 2006, detém também o posto honorífico de "Hannah Arendt" na European Graduate School.

Reverenciada por seus seguidores, Butler é reconhecida por sua crítica incisiva dentro de seu campo teórico, pautando seus discursos em uma dialética refinada que desafia a crença arraigada de que os comportamentos

de gênero são inatos e espontâneos. Ela ilustra magistralmente como o desempenho dos papéis de gênero - frequentemente associados à feminilidade e masculinidade - são performances impostas pela normatividade heterossexual.

Butler apresenta uma abordagem que ela própria descreve como "um uso mais radical da doutrina da constituição, que considera o agente social como objeto em vez de sujeito de atos constituintes".

Ao longo deste trabalho, foram exploradas as teses de Judith Butler e suas implicações no campo da sociologia humana, especialmente no que diz respeito às diversas facetas e ramificações do conceito de gênero.

A metodologia empregada nesta pesquisa envolveu o exame minucioso de diversas fontes, como revistas e livros especializados. A conclusão ressalta a urgência e a importância de discutir a polarização no eixo da identidade humana.

### **Seja *queer* você quiser segundo Judith Butler**

Judith Butler, uma figura proeminente identificada como anti-capitalista, feminista e antissionista, tem sido uma voz influente no espectro político de esquerda. Seu ativismo tem sido especialmente marcante nos movimentos pelos direitos LGBTQ+ e no feminismo.

Em sua abordagem, Butler desafia as noções convencionais de identidade, levantando questões fundamentais sobre a capacidade humana de autodeterminação. Ela questiona até que ponto nós, enquanto indivíduos, somos capazes de nos constituirmos livremente, considerando a influência da linguagem e das convenções sociais em nossas ações e percepções (BUTLER, 2019).

Judith Butler, em sua abordagem fundamentada no pós-modernismo e no pós-estruturalismo, adota o termo "sujeito" para destacar a dimensão

linguística da posição humana dentro da chamada ordem simbólica de Jacques Lacan. Esta ordem simbólica é entendida como o sistema de signos e convenções que molda nossa percepção do que consideramos real.

Ao contrário da concepção teatral, Butler defende que não podemos assumir uma subjetividade fixa incumbida de desempenhar múltiplos papéis de gênero. Pelo contrário, é o próprio ato de representar o gênero que molda e constitui nossa identidade.

### **Judith Butler: Explorando a Essência da Liberdade Dentro do Pensamento Identitário Filosófico**

Butler argumenta que a própria noção de identidade é uma construção ilusória, formada retroativamente por meio das performances que realizamos: "Em oposição aos modelos teatrais ou fenomenológicos que consideram o eu eterificado como anterior a seus atos, vou entender os atos constituintes não apenas como constituindo a identidade do ator, mas como constituindo essa identidade como uma ilusão convincente, um objeto de crença" (Butler, 2003).

Esta crença em identidades estáveis e diferenças de gênero é, de fato, imposta 'por sanções sociais e tabus' (Butler, 2003), de modo que nossa concepção do comportamento 'natural' é, na verdade, o produto de coerções sutis e flagrantes.

A coerção tem como um de seus efeitos a geração de um espaço inarticulável, descrito como "um domínio de corpos impensáveis, abjetos, inabitáveis", que, ao serem repudiados pelo sujeito considerado "normal", auxiliam na sua própria formação: "Esta zona de inabitabilidade delimitará o território do sujeito; será o local de identificação temerosa, contra o qual e em função do qual o domínio do sujeito estabelecerá os limites de sua própria busca por autonomia e vida" (BUTLER, 1999).

O repúdio é essencial para que o indivíduo estabeleça "uma identificação com o fantasma normativo do 'sexo'" (BUTLER, 2003). No entanto, dado que tal ato não é "natural" ou "biológico" de forma alguma,

Butler utiliza essa esfera abjeta para questionar e "rearticular os próprios termos de legitimidade e inteligibilidade simbólica" (BUTLER, 2003).

Ao destacar a artificialidade, a proibição e a natureza performativa da identidade de gênero, Butler busca perturbar a definição de gênero, desafiando o status quo e defendendo os direitos das identidades marginalizadas, especialmente a identidade gay e lésbica.

De fato, Butler argumenta que o gênero, enquanto uma realidade natural objetiva, não possui existência: "A realidade de gênero é performativa, o que significa, simplesmente, que é real apenas na medida em que é performada" (BUTLER, 2003).

Conforme Butler, o gênero não está intrinsecamente ligado a fatos corporais materiais, mas é inteiramente uma construção social, uma ficção que está sujeita a mudanças e contestações: "Não há uma 'essência' que exprima ou exteriorize, nem um ideal objetivo ao qual o gênero aspire; visto que o gênero não é um fato, os diversos atos de gênero criam a noção de gênero e, sem essas ações, não haveria gênero algum. Portanto, o gênero é uma construção que frequentemente oculta sua origem" (PERROT, 2001).

A gênese do gênero não é física, mas é realizada por meio de ações (ver o próximo módulo), de modo que o corpo adquire sua identidade de gênero somente "através de uma série de atos que são repetidos, revisados e consolidados ao longo do tempo" (PERROT, 2001).

Ao demonstrar a natureza artificial, convencional e histórica da construção do gênero, Butler busca criticar os pressupostos da heterossexualidade normativa: as normas punitivas (sociais, familiares e legais) que nos obrigam a nos conformar aos padrões hegemônicos heterossexuais de identidade.

Butler vai além em suas formulações ao questionar a própria distinção entre gênero e sexo. Anteriormente, as feministas costumavam fazer uma distinção entre sexo corporal (os fatos físicos de nossa existência) e gênero

(as convenções sociais que determinam as diferenças entre masculinidade e feminilidade).

Certas feministas reconhecem as diferenças anatômicas entre homens e mulheres, porém ressaltam que as maiorias das normas que regem os comportamentos atribuídos a cada gênero são, na verdade, construções sociais dissociadas das características biológicas dos sexos.

Conforme as feministas convencionais, o sexo é uma categoria biológica, enquanto o gênero é uma categoria histórica. Butler contesta essa distinção ao argumentar que nossas ações ligadas ao gênero têm um impacto tão tangível em nossos corpos que inclusive afetam nossa percepção das diferenças corporais entre os sexos, influenciadas por normas sociais.

E Butler propõe que o sexo não seja simplesmente um dado físico sobre o qual a construção do gênero é artificialmente imposta, mas sim uma norma cultural que dita a materialização dos corpos (SOIHET, 2001). Para Butler, o sexo "é uma construção ideal que se materializa forçosamente ao longo do tempo. Não é um simples fato ou condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas reguladoras materializam o 'sexo' e alcançam essa materialização por meio de uma reiteração forçada daquelas normas" (SOIHET, 2001).

Butler é influenciada pela tendência pós-moderna de ver nossa própria concepção de realidade como determinada pela linguagem, tornando impossível pensar ou articular o sexo sem impor normas linguísticas: "não há referência a um corpo puro que não esteja ao mesmo tempo, uma formação posterior desse corpo" (WOORTMANN, 1987).

O ato de falar sobre sexo acaba impondo normas culturais ou ideológicas, de acordo com Butler. Como ela argumenta, "'sexo' torna-se algo como uma ficção, talvez uma fantasia, instalada retroativamente em um local pré-linguístico ao qual não há acesso direto" (WOORTMANN, 1987).

No entanto, essa ficção desempenha um papel central na formação da subjetividade e da sociedade humana, o que implica que possui efeitos

materiais significativos: "o 'eu' não é anterior nem posterior ao processo de sua generificação, mas emerge apenas dentro e como a própria matriz das relações de gênero" (BUTLER, 2019).

Além disso, essa construção linguística não é estável, operando de maneira a restabelecer constantemente fronteiras (e uma zona de exclusão) por meio dos atos performativos repetidos infinitamente, que nos designam como pertencendo a um sexo ou outro. O "sexo" é assim desvendado não apenas como uma norma artificial, mas também como uma norma sujeita a mudanças.

O propósito de Butler, portanto, é "referenciar" a lei para reafirmar e apropriar-se de seu poder, expondo a estrutura heterossexual e deslocando o efeito de sua inevitabilidade.

O conceito mais impactante na obra de Butler é a "performance de gênero". Essa teoria foi aprimorada ao longo de várias décadas no trabalho de Butler, mas é abordada de maneira mais direta em "Problemas de Gênero" (1990), "Corpos Que Pesam" (1993) e "Desfazendo o Gênero" (2004).

A abordagem de Butler nas suas obras é desafiar os conceitos "essencialistas" de gênero, isto é, a crença de que masculinidade e feminilidade são inerentes ou biologicamente determinadas, que a masculinidade deve ser expressa por corpos masculinos e a feminilidade por corpos femininos, e que esses corpos naturalmente desejam o seu "oposto".

Ao viver em comunidades de gays e lésbicas, Butler observou como, mesmo dentro de círculos feministas, essas concepções frequentemente resultavam em vidas inviáveis para aqueles que não se enquadravam nas expectativas de gênero.

Dessa forma, Butler passou a questionar a maneira como as representações atuais da masculinidade e feminilidade são comumente consideradas padrões para a expressão correta do gênero. Butler utiliza o conceito de "normas" de gênero para descrever essa confusão entre o que é e o que deveria ser, uma confusão que impede o reconhecimento de outros

modos de vida como legítimos, ou mesmo a imaginação de tais possibilidades.

Butler propõe que o gênero não seja algo biológico, mas sim "performativo". O termo "performatividade" não se refere meramente a um desempenho; pode ser compreendido à luz do conceito do linguista J.L. Austin de "enunciação performativa", que se refere a uma declaração que efetiva aquilo que ela expressa. Um exemplo clássico é "Eu os declaro marido e mulher".

Butler argumenta que o gênero opera dessa forma: ao rotular uma criança como "menina" ou "menino", estamos participando ativamente na construção delas exatamente como tais. Ao nos referirmos a pessoas (ou a nós mesmos) como "homem" ou "mulher", estamos engajados no processo de criação e definição dessas categorias.

A teoria de gênero de Butler questiona a distinção entre "sexo" biológico e "gênero" social. Para Butler, a ideia de um "sexo" biológico separado de seus significados sociais é contraproducente, já que argumenta que não podemos identificar tal entidade fora do contexto social. Ela enfatiza que nascemos em um ambiente culturalmente definido, onde a compreensão prévia de gênero molda nossa percepção da anatomia.

Butler ressalta que estamos inextricavelmente ligados a esses significados sociais e que seu trabalho destaca nossa limitação em nos conhecer completamente. Não se trata apenas de atribuir ao gênero uma natureza linguística, mas também reconhecer sua expressão por meio de práticas diárias. Desde nossas vestimentas até a linguagem corporal, exercícios físicos específicos e até as interações com profissionais médicos, cada uma dessas repetições contribui para a consolidação do gênero, tornando-o progressivamente uma parte inevitável de nossa identidade.

Contudo, Butler enfatiza que a construção e redefinição do gênero são contínuas. Para que as normas de gênero se mantenham válidas, elas exigem repetição constante, o que também implica que, a longo prazo, estão



suscetíveis a mudanças. Não há um ponto final fixo para essas normas; interrompê-las ou modificá-las contribui para redefinir seu significado, possibilitando mudanças na concepção de gênero.

Essas reflexões desafiam nossas noções convencionais sobre identidade pessoal, gênero e funcionamento da linguagem, tornando a escrita de Butler conhecida por sua complexidade. Apesar disso, a popularidade de seu trabalho reflete a percepção de muitas pessoas de que suas próprias vidas não se enquadram adequadamente nos paradigmas convencionais.

### **Explorando a Fragilidade da Vida: Um Caminho em Direção à Não-Violência**

Nos últimos 20 anos, a produção escrita de Butler ampliou-se para além da abordagem de questões de gênero, estendendo-se a outras esferas de exclusão e opressão política. Um tema subjacente em grande parte desse trabalho mais recente é a preocupação com a forma como certos grupos são considerados "humanos".

Butler sintetiza essa preocupação por meio do conceito de "vida passível de luto", o qual destaca as maneiras pelas quais certas vidas não são lamentadas publicamente, uma vez que nunca foram devidamente reconhecidas como existências plenamente vivas em primeiro lugar.

Por exemplo, Butler ressalta que as vítimas da AIDS raramente são mencionadas em obituários nos principais jornais dos EUA, da mesma forma que os prisioneiros na Baía de Guantánamo, os palestinos mortos pelo exército israelense, os afro-americanos mortos pela polícia dos EUA, ou ainda os refugiados e apátridas que falecem ao cruzar fronteiras.

Essas populações podem ser relegadas a vidas insustentáveis e precárias, enfrentando mortes despercebidas sem qualquer responsabilização pública significativa. No cenário contemporâneo globalizado e neoliberal, um número cada vez maior de pessoas vive nessas condições desfavoráveis, sem o devido suporte social, cuidados médicos adequados, ambientes sustentáveis

ou acesso à esfera pública. Butler denomina essa situação como "precariedade".

Frequentemente, essa exclusão é justificada por meio de "quadros de guerra", que categorizam certos grupos como ameaças à "segurança". Para defender essa segurança, é tentador impor violentamente a precariedade aos outros, como fez o governo dos Estados Unidos após o 11 de setembro na sua "guerra ao terror".

Para confrontar tais quadros de guerra, Butler propõe uma ética da não violência, fundamentada na compreensão de que nos constituímos apenas em relação aos outros. Isso implica que nenhuma vida é completamente segura, autossuficiente ou independente. Não temos o controle de quem compartilha o planeta conosco, e esses indivíduos sempre têm o potencial de nos causar danos.

Em última análise, para sobrevivermos juntos, é crucial aprendermos a reconhecer e conviver com a vulnerabilidade mútua, por mais desafiador que isso possa ser.

Essa abordagem pode parecer idealista, porém não parte do pressuposto de que as pessoas são inerentemente "boas"; ao contrário, parte do reconhecimento de que não são. Praticar a não violência será sempre ambíguo e complexo, especialmente em um mundo permeado pela violência. Contudo, é de nosso interesse perceber que nossa própria capacidade de levar uma "vida vivível" depende das condições que garantam a manutenção da vida, as quais também permitem que outros (sejam humanos ou não) vivam.

Butler identifica representações performativas dessa abordagem em alguns protestos coletivos, como o movimento *Occupy Wall Street* em Nova York e os protestos no *Gezi Park* em 2013, na Turquia, nos quais indivíduos de diferentes origens se uniram para exigir um mundo mais justo e equitativo.

Butler nos recorda que a vulnerabilidade não é inteiramente negativa; é o que possibilita a vida, já que todos os corpos devem estar de alguma forma, abertos ao mundo e aos outros. Devem ser capazes de receber e dar: comer,

respirar, se comunicar, ter intimidade. Um corpo incapaz disso não poderia estar vivo. Por fim, Butler nos lembra, muitas vezes de maneira poética, que para sermos completamente nós mesmos, precisamos uns dos outros.

As filosofias e o trabalho de Judith Butler sobre sexo, gênero e teoria *queer* têm sido uma fonte rica de informações para aqueles interessados em aprimorar sua compreensão de gênero e identidade *queer* - tanto dentro quanto fora do ambiente acadêmico.

### Terceira Onda do Feminismo

A Terceira Onda do Feminismo concentrou-se predominantemente na defesa dos Direitos Reprodutivos universais. Nos Estados Unidos, essa fase foi uma resposta direta à decisão da Suprema Corte de manter medidas restritivas sobre o aborto e aprovar o Parcial-Birth Abortion Ban Act. As feministas lideraram campanhas em prol da autonomia do corpo, defendendo o acesso universal a serviços de contracepção e ao direito ao aborto.

Além disso, é importante ressaltar que Judith Butler desempenhou um papel significativo nessa fase do movimento feminista. Ela demonstrou um forte interesse nas teorias culturais, de gênero e sexualidade, e contribuiu com uma tese sobre o impacto das influências hegelianas na sociedade francesa. Butler também é conhecida por seu extenso trabalho sobre a teoria da natureza performativa de gênero e sexo, desafiando conceitos preestabelecidos e destacando a forma como a identidade de gênero é construída e mantida na sociedade.

Além do exposto, vale mencionar que a Terceira Onda do Feminismo não se limitou apenas aos direitos reprodutivos. Ela abordou uma variedade de questões, incluindo a interseccionalidade, que reconhece a interseção de diferentes formas de opressão, como raça, classe e orientação sexual, dentro do movimento feminista. Questões como representação, violência contra

mulheres, igualdade no local de trabalho e conscientização sobre a diversidade também foram focos importantes desse movimento.

Assim, a Terceira Onda do Feminismo foi um período diversificado e abrangente que não só se concentrou nos direitos reprodutivos, mas também abordou uma gama mais ampla de desafios enfrentados pelas mulheres em todo o mundo.

### **Influências hegelianas**

As influências hegelianas derivam da filosofia de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, que sustenta que é possível expressar a realidade por meio de uma perspectiva racional, o que significa que a realidade é racional.

Ele também postulou um processo de três estágios que indica que os seres humanos estão em constante movimento:

1. An-sich (um termo alemão que significa "em si mesmo").
2. Anderssein (um termo alemão que se traduz como "Fora de si mesmo").
3. An-und-für-sich (um termo alemão para "Em e para si").

### **Teoria de Judith Butler**

Ao longo de sua carreira como acadêmica e ativista, as críticas teóricas de Butler enfatizaram as normas e valores discriminatórios associados às percepções da homossexualidade nas sociedades patriarcais. A aplicação dessa lente crítica desafia as normas sociais heteronormativas e alimenta movimentos sociais mais amplos relacionados aos direitos LGBTQIA+.

Patriarcado: Frequentemente referido como um sistema patriarcal, o patriarcado normalmente favorece os interesses de homens cisgêneros, muitas vezes em detrimento de mulheres e indivíduos com variantes de gênero.

Heteronormatividade: Refere-se à visão que promove a heterossexualidade como norma. Um exemplo do trabalho de Butler inclui uma crítica teórica a Julia Kristeva e Jacques Lacan. Ao analisar o trabalho de Kristeva, Butler se opôs à visão sugerida por ela de que os relacionamentos homossexuais entre mulheres provêm de necessidades sexuais não satisfeitas dentro dos relacionamentos heterossexuais.

Julia Kristeva: Julia Kristeva nasceu em 24 de junho de 1941 em Sliven, Bulgária. Trabalhou como crítica, educadora, romancista e psicanalista, tornando-se uma importante colaboradora do feminismo filosófico.

Jacques Lacan: Jacques Marie Émile Lacan nasceu em 13 de abril de 1901. Durante sua vida, ele foi conhecido como "O Freud francês" devido às suas contribuições ao estudo da Psicanálise.

Além disso, Butler também rejeitou o trabalho teórico de Jacques Lacan, que inspirou a teoria de Kristeva. Lacan havia postulado que a homossexualidade surgia devido ao fracasso da heterossexualidade. Em resposta, Butler destacou:

"Se Lacan presume que a homossexualidade feminina surge de uma heterossexualidade decepcionada, como se diz que a observação mostra, não poderia ser igualmente claro para o observador que a heterossexualidade surge de uma homossexualidade decepcionada?"

Essa crítica teórica de Butler evidencia as falhas no trabalho de Lacan e Kristeva relacionadas à homossexualidade. Em suma, o trabalho de Butler relacionado à teoria *queer* desafia o endosso social da heterossexualidade como a "norma".

### **Judith Butler: Teoria Feminista**

A teoria feminista de Judith Butler está presente em "*Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*", publicado em 1990. Ela argumenta que certos comportamentos atribuídos a homens ou mulheres devem ser compreendidos como performances, emergindo como consequência da imposição e endosso da heterossexualidade pela sociedade.

Butler sustenta a crença de que a sociedade estabelece conexões entre os conceitos de sexo e gênero, impondo normas que os indivíduos devem seguir para serem socialmente aceitos. É crucial salientar que Butler enfatiza fortemente que o gênero é uma construção social e que pode abarcar uma variedade de expressões identitárias.

Se a invariabilidade do sexo for questionada, pode-se considerar que essa construção chamada "sexo" é tão culturalmente moldada quanto o gênero, possivelmente até já foi gênero, levando à conclusão de que a distinção entre sexo e gênero se dissolve.

Essa visão desafia a concepção de que existem apenas dois binários de gênero e que os indivíduos devem se enquadrar em identidades femininas ou masculinas. Butler, ao invés disso, defende o reconhecimento e celebração das identidades de gênero não binárias.

Os binários de gênero representam um sistema de classificação que postula a existência apenas de dois gêneros, geralmente entendidos como masculino e feminino. Comumente, presume-se que o sexo designado ao nascimento influenciará as normas sociais, expressões e identidade de gênero que um indivíduo apresenta.

### **Teoria *Queer* e sua influência no problema de gênero: feminismo e a subversão da identidade**

Ao acolher a noção da existência de diversos gêneros na sociedade, Butler também endossa a teoria *Queer*, concebida pela intelectual norte-americana Gloria Anzaldúa.

Encaremos a realidade: estamos entrelaçados um ao outro e, se não estivermos, estamos perdendo algo. Se isso parece tão evidente no luto, é

apenas porque já o era no desejo. Nada permanece imutável. Pode-se desejar que assim seja, mas também pode se desfazer, apesar dos esforços, diante do outro, pelo toque, pelo cheiro, pelo tato, pela perspectiva do toque ou pela memória da sensação.

Portanto, ao discutirmos minha sexualidade ou meu gênero, como fazemos (e devemos), almejamos expressar algo complexo. Nem um nem outro é propriamente uma posse, mas ambos devem ser compreendidos como modos de estar despossuído, modos de ser para o outro ou, de fato, por causa do outro.

Judith Butler realiza uma análise da teoria *queer* em "*Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*". Ela também faz distinções entre uma mulher singular e um grupo de mulheres, acreditando que essas duas categorias têm significados distintos na sociedade (SARTI, 2001).

Butler argumenta que essa distinção pode ser atribuída a vários fatores, como sexualidade, etnia e classe social. Em grande medida, essas distinções foram estabelecidas devido ao patriarcado, um dos principais componentes da estrutura social. De 1987 a 2020, Judith Butler produziu e contribuiu com diversas obras; no entanto, nesta seção, exploraremos mais a fundo sua obra intitulada "*Undoing Gender*".

#### "Desfazendo Gênero"

O livro "*Undoing Gender*" desafia a teoria da performatividade explorada em "*Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*". Por meio da análise da abordagem médica e legal em relação àqueles que se identificam como transgêneros ou intersexuais (BUTLER, 2019), Butler expõe que a identidade de gênero se baseia em atos performativos influenciados por normas e valores socialmente construídos.

Com isso, conclui que os atos de gênero não são meramente executados automaticamente, mas sim realizados com uma intenção subconsciente alinhada às normas de gênero estabelecidas pela sociedade.

## Judith Butler e Performatividade de Gênero

Em seu ensaio intitulado "Atos performáticos e constituição de gênero: um ensaio em fenomenologia e teoria feminista" (1988), Judith Butler introduziu o conceito de performatividade de gênero, argumentando que o gênero não é atribuído no nascimento, mas sim formado por meio das ações realizadas pelo indivíduo.

A crença comum é que os atos que moldam o gênero tendem a ser polarizados, pois a sociedade estabeleceu um sistema binário de gênero. Dentro desse binário restritivo, espera-se que os indivíduos se identifiquem como femininos ou masculinos e se comportem de acordo com as normas patriarcais de gênero.

A performatividade de gênero, termo introduzido por Judith Butler, refere-se à ideia de que o gênero não é uma qualidade fixa e inerente, mas sim uma construção social constantemente realizada e reencenada por meio de ações e comportamentos cotidianos (CASTRO, 2001).

No entanto, Butler se opõe a essa crença e afirma ser muito possível criar uma nova identidade de gênero por meio de ações performáticas. Ela identifica que em estruturas patriarcais opressivas, existir fora do binário de gênero é frequentemente considerado um tabu social.

Considerado um "tabu" percebido, qualquer pessoa que tenha a intenção de se comportar de maneira diferente será sancionada pela sociedade. Portanto, Butler destaca uma das muitas maneiras pelas quais as sociedades heteronormativas criam desigualdade estrutural para as populações LGBTQIA+.

Butler também faz uma comparação entre atores e indivíduos, afirmando que os atores tendem a ter conhecimento e compreensão de que estão atuando. Quando os indivíduos agem, estão realizando atos de gênero sem pensar nisso, pois parece natural. Um aspecto frequentemente esquecido é que o gênero tem sua base subjacente na história e é constantemente



reconstruído, em vez de ser um fato definido, assim, o gênero evolui ao longo do tempo.

A performatividade de gênero, termo introduzido por Judith Butler, refere-se à ideia de que o gênero não é uma qualidade fixa e inerente, mas sim uma construção social que é constantemente realizada e reencenada por meio de ações e comportamentos cotidianos.

No entanto, Butler se opõe a essa crença e afirma ser muito possível criar uma nova identidade de gênero por meio de ações performáticas. Butler identifica que em estruturas patriarcais opressivas, existir fora do binário de gênero é frequentemente considerado um tabu social.

### **Metodologia**

Os materiais e métodos utilizados para a elaboração deste artigo compreenderam livros, artigos científicos, revisões bibliográficas e pesquisas relacionadas ao contexto geral e tópicos correlacionados.

A seleção das fontes de pesquisa baseou-se em publicações de autores amplamente reconhecidos no meio acadêmico, artigos veiculados, websites e relatórios de simpósios.

Neste processo, buscou-se pesquisas relacionadas à importância da discussão sobre identidade e gênero de natureza social, sob uma ótica crítica, conforme exposto por Judith Butler, para indivíduos com diferentes características. Para tal, utilizaram-se plataformas como Scielo, Google e Google Scholar, empregando buscas por palavras-chave como Judith Butler, feminismo, autonomia e ser.

Conforme Lakatos (1998) destaca, a pesquisa é um procedimento formal que utiliza tratamento científico, constituindo-se como um meio para alcançar a verdade e compreender a realidade. Pesquisar é descobrir novos fatos, dados, relações e leis em qualquer área do conhecimento, por meio de um método sistemático para revisão bibliográfica.

Em qualquer área do conhecimento, através do método de revisão bibliográfica, segue a linha de raciocínio:

"A pesquisa aplicada tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos da pesquisa básica." (GIL, 1998).

A pesquisa foi estruturada e classificada de maneira a alcançar de forma mais eficiente os objetivos propostos. Para uma exploração mais aprofundada deste estudo, identifica-se que ele se enquadra como pesquisa exploratória devido ao uso de fontes bibliográficas e descritivas, possibilitando a descrição integral do processo em questão.

### **Considerações Finais**

Para fins acadêmicos, a síntese deste trabalho é relevante, pois os conhecimentos assimilados seguem uma linha de raciocínio bem estruturada. Como menciona, "seja *queer* você quiser", isso representa uma potencialização e evolução discursiva em todas as áreas do estudo social, sempre tendo como norte o respeito às diferenças, merecendo, assim, destaque em pesquisas.

Buscou-se utilizar o conhecimento teórico pertinente ao assunto como base para a elaboração da pesquisa, focando no princípio discursivo de Judith Butler em sua base feminina sobre a liberdade de expressão do ser.

Através deste estudo, é possível analisar as entranhas e engrenagens do corpo social, e como a emancipação da mulher cunhou uma vertente cada vez mais forte de movimentação em direção a um pensamento independente e livre dos parâmetros sociais, étnicos, políticos, e principalmente religiosos. Este corrente filosófica pode auxiliar indivíduos de todas as camadas constituintes da entidade comunitária civil a aprimorarem suas interpelações e relações com o outro.

Questionar sua contribuição para a humanidade é crucial; portanto, é necessário investimento para alcançar o sucesso. Os órgãos governamentais devem investir mais em conscientização para o ensino de tais vertentes de pensamento, além de proporcionar treinamento aos professores. Na faculdade, estes últimos aprendem as disciplinas teóricas, devendo, portanto, receber cursos de capacitação para aprofundar seu conhecimento sobre como lidar com tal assunto.

Também é essencial quebrar a barreira entre o academicismo e o ideal feminino, que não devem enxergar o gênero e a autonomia social como algo de teor negativo e radical. Ao contrário, devem ser vistos como aliados no processo de aprendizagem e empoderamento. Diante de tudo o que foi apresentado, torna-se evidente que uma ferramenta de mudança precisa ser proposta.

## Referências

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Revisão técnica de Joel Birman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. Tradução de Verônica Daminelli e Daniel Yago França. Revisão técnica de Daniel Yago França, Carla Rodrigues e Pedro Taam. São Paulo: N-1/Crocodilo, 2019.
- BUTLER, Judith. **Excitable Speech: A Politics of the Performative**. Londres/Nova York: Routledge, 1997.
- BUTLER, Judith. **Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century**. France. 2. ed. Nova York: Columbia University Press, 1999.
- BUTLER, Judith. **Antigone’s Claim: Kinship Between Life and Death**. Nova York: Columbia University Press, 2000. Edição brasileira: O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte. Tradução de André Checinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- BUTLER, Judith. **Frames of War: When Is Life Grievable?** Londres/Nova York: Verso, 2009. Edição brasileira: Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Cunha. Revisão técnica de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. **Notes Toward a Performative Theory of Assembly**. Londres: Harvard University Press, 2015b. Edição brasileira: Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia.

- Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Revisão técnica de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith. **Parting Ways: Jewishness and the Critique of Zionism**. Nova York: Columbia University Press, 2012. Edição brasileira: Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2017.
- BUTLER, Judith. **Senses of the Subject**. Nova York: Fordham University Press, 2015.
- BUTLER, Judith. **The Force of Nonviolence: An Ethico-Political Bind**. Londres/Nova York: Verso, 2020. Edição brasileira: A força da não violência: um vínculo ético-político. Tradução de Heci Regina Candiani. Boitempo, 2021.
- CASTRO, Mary Garcia. **"Gênero e poder: leituras transculturais"**. *Cadernos Pagú*, n.16, p.49-78, 2001.
- COSTA, Suely Gomes. **"Alice por Alice. (As amarras femininas no O Tronco do Ipê)"**. *Tempo*, Universidade Federal Fluminense Departamento de História. Rio de Janeiro: 7Letras, v. 5, n. 9, p. 29-42, 2000.
- COSTA, Suely Gomes. **"Gêneros, Biografias e História"**. *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero NUTEG* v. 3, n.2, p. 7-20, 1o semestre, 2003.
- PERROT, Michelle et. al. **"História das Mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia"**. Artigo traduzido por Rachel Soihet, Suely G. Costa e Rosana Soares. In: *Revista Gênero. Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero NUTEG* v. 2, n. 1, pp. 5-42, 2o semestre, 2001.
- PERROT, Michelle. **"Sair"**. In: FRAISSE, Geneviève, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente. O século XIX** Trad. M. H. da C. Coelho et. al. Porto: Afrontamento, 1994.
- SARTI, Cyntia. **"Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro"**. *Cadernos Pagú*, n.16, p. 31-48, 2001.
- SOIHET, Rachel. **"Transgredindo e conservando, mulheres conquistam o espaço público: a contribuição de Bertha Lutz"**. In: *XXI Simpósio Nacional de História*, Niterói, 2001.
- WOORTMANN, Klaas. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987.